



### UM OLHAR SOBRE O HOJE, SOBRE O OUTRO, SOBRE A MEMÓRIA

O lugar da memória é o lugar da imortalidade. Tornou-se um *habitué* discutir-se acerca da preservação da memória, das inúmeras formas de guardar e conservar para o futuro e para as futuras gerações aquilo que identificou e identificará os nossos antepassados, aquilo que nos identifica a nós mesmos, aquilo que nós somos. Em Platão, o conhecimento é compreendido como reminiscência: é o amor do belo que desperta na alma as lembranças do conhecimento das ideias perfeitas, obscurecidas pela encarnação. Por sua vez, as formas da actividade amorosa – procriação, poesia, legislação – garantem a memória das virtudes que conservamos, uma glória imortal e memória às obras produzidas e deixadas às gerações vindouras, como as obras de *Homero* e *Hesíodo*. É a actividade amorosa que gera – filhos e obras. No caso dos filhos, perpetua-se a memória do sangue, ou sangue azul, a linhagem, ou, como podemos dizer hoje em dia, os genes da espécie humana. No caso das obras, permanecem a cultura, os valores, as expressões máximas do pensamento e dos sentimentos humanos colectivos.

Ambos os casos parecem viver uma crise existencial, por mais banal que seja a utilização destes termos. Em ambos os casos, invisível sob o inexorável transcorrer da duração, sob as inevitáveis transformações seculares, o passado presentifica-se num gesto, numa reminiscência ou lembrança que eclode com uma acção, na presença de um objecto que nos evoca um tempo que já não é o nosso mas que contribui de modo efectivo para que sejamos o que somos. Em suma, a memória não está apenas no passado que emerge pela recordação, mas está presente nos nossos corpos, no nosso idioma, no que valorizamos, no que tememos e no que esperamos. A memória identifica-nos como indivíduos e seres colectivos. O que por vezes ignoramos e desprezamos é na verdade aquilo que somos e aquilo que por mais tempo pode perdurar na nossa existência, é aquilo que depois da nossa breve existência permite vislumbrar o trajecto do que fomos e do que podemos continuar a ser. É a memória que faz com que seja possível vislumbrar esses momentos, é a memória que permite que estas linhas sejam escritas de forma sequencial e com a coerência de outra forma impossível.

---

Menção honrosa



Quando pensamos em “passado”, temos tendência a imaginá-lo como algo pertencente a um tempo longínquo, datado em cronologias distantes, e talvez por isso a importância que lhe atribuímos seja cada vez menor. Um passado que se identifica com a Grécia Clássica, com o Império Romano, com o Mundo Medieval, com as inverosímeis pirâmides egípcias, com os vasos etruscos, com vestígios das civilizações perdidas. Confundimos ordinariamente o passado com o “não ser mais” ou com o “já não existe”. Com o arcaico, com o anacrónico, com o ultrapassado. Esquecemos com frequência que o final desta frase já é passado, que ao acabarmos de pronunciar a palavra “presente” ela já não o é, passando a pertencer imediatamente ao passado. Ao pensarmos o ser, tendemos a conjugá-lo no passado, no presente e no futuro. Pensamos no que foi, no que é e no que será. Esquecemos o gerúndio; o “sendo” que nos coloca diante da continuidade que revitaliza estes lugares estanques de tempo, e faz com que sejamos, a rigor, forjados nesta sucessão incontável de instantes, minutos, horas, dias, anos séculos e milénios nos quais se teceu a história colectiva da humanidade e a da nossa existência individual. O que fomos está, pois, contido, conscientemente ou não, naquilo que somos agora. É com esta mesma atitude que ignoramos e esquecemos aquilo que os nossos olhos vêem e tendemos a privilegiar aquilo que é efémero, aquilo que nasce condenado pela conjuntura, pela própria vontade, ou apenas pela moda.

Será que ao entrarmos na época electrónica, ou seja, da memória artificial, entrámos também numa época de desprezo pela memória? Quando a nível tecnológico nos são facultados instrumentos que podem finalmente contribuir para preservar, melhor e mais facilmente, aquilo que somos aos nossos descendentes, parece que entramos numa fase de *laissez faire*, num “deixa andar” permanente, que desvaloriza a nossa história e nos desvaloriza a nós mesmos. A maior estabilidade da memória electrónica parece não ser suficiente para colmatar a fragilidade da memória humana e parece conduzir-nos progressivamente a um mundo virtual onde a própria memória se confunde com imaginação e onde os valores que serviriam de identidade se vão diluindo, até ao seu desaparecimento.

---

Menção honrosa

José Inácio Mira Figueira

Página 2



A noção de memória evidentemente transformou-se muito, tal como a identidade, seja ela individual, social ou nacional. Foi analisada, codificada em funções fisiológicas e psíquicas, recebeu diferentes atribuições de valor e importância dentro das inúmeras teorias do conhecimento, até se, na nossa cultura contemporânea, profundamente desvalorizada na obsessão pelo “novo” e na proliferação do descartável. Convivemos com ela diariamente, desde a discussão sobre usos e costumes com a nossa avó até ao passeio de fim-de-semana em que admirámos a paisagem a partir da cerca de um castelo medieval.

Nesta luta constante pela defesa da memória esquecemos por vezes que não nos lembramos de tudo, nem pessoal nem colectivamente. Lembramo-nos daquilo que tem significado, daquilo que é importante, daquilo que para nós foi um momento único, um momento de aprendizagem ou de crescimento, entre o recordar e o esquecer, entre aquilo que nos diz quem somos e nos faz querer ir a um lugar a aquilo que deturpa a nossa identidade, o que fomos e o que seremos, nunca esquecendo o que somos.

Será a ruptura com o passado, com a memória, e como nós mesmos inevitável?